

Hoje, como outrora

Como não podia deixar de ser, a questão da dívida externa e das medidas internas que provoca veio à baila na Constituinte de 1934. Na verdade o país entrara em moratória desde o segundo semestre de 1931 e o então ministro da Fazenda, Oswaldo Aranha, preparava, com o auxílio de Otto Niemeyer, versão portátil e personalizada (era enviado do Banco Rothschild) do que hoje chamamos FMI, a negociação de um **funding** para alinhar as contas externas do país. **Funding** vem a ser no vulgar vernáculo a mesma "renegociação" de hoje, nas versões "ponte" e "jumbo", de onde se vê que pelo menos em semântica a banca internacional atualizou-se. A problemática não.

Constam do receituário de "Sir" Otto em 1934 remédios amargos que os dirigentes de então, como os de hoje, fizeram comprar e jamais tomaram.

Assim aconselha a não emissão de títulos públicos para pagar dívidas governamentais, que no ano de 1932 estouraram em 300 mil contos de réis um orçamento federal de 150 mil, devido aos gastos militares com a revolução constitucionalista de São Paulo (164 mil contos) e com a seca do Nordeste (138 mil contos). Hoje, aliás, o Nordeste continua na mesma, num ressequido apoio político a peso de ouro. Mas não é improvável que as últimas eleições tenham custado mais, proporcionalmente, do que a revolução constitucionalista de 1932.

Recomendava também "Sir" Otto Niemeyer ao governo "reorganizar os serviços postal, telegráfico e de estradas de ferro para assegurar sua auto-remuneração". Eis aqui uma sutil premonição dos gigantescos déficits das estatais? Ou a origem das próprias?

Preocupa-se ademais "Sir" Otto em "manter a unidade do orçamento, evitando fundos especiais" bem como em "estabelecer novos sistemas de contabilidade e auditoria públicas". Cinquenta anos depois somos forçados a concluir que ou "Sir" Otto nada sabia do país ou então que nossa administração pública superou-se a si própria várias vezes na arte de inventar e confundir. Note-se de passagem que em 1934 não havia orçamento monetário e apenas vislumbrava-se a existência de um Banco Central, sugestão essa aliás do próprio "Sir" Otto. Ah! "Sir" Otto, se soubesses...

Mas em compensação uma entre as muitas recomendações do auditor inglês deve ter-se cumprido prontamente: a do governo aumentar a tributação direta.

E hoje? Bem, hoje até parece que o FMI e seus antepassados boas razões tinham em seus ovisos. Mas como sempre soou a questão da soberania e Oswaldo Aranha viu-se acusado de vender o país por 30 dinheiros "de que carecia o governo para cobrir o esbanjamento e as gastarias".

Ideologicamente em desuso e historicamente coerente, já então um deputado socialista arguia que "a política burguesa em si tem como resultado, nos colonatos como o Brasil, trazer o país amarrado ao imperialismo capitalista dos estrangeiros".

Uma coisa é certa: a história aqui é uma demolidora de esperanças, as últimas das quais restam com os atuais constituintes, que deviam estudar mais a história econômica do país.